

A Aceitação da Gagueira

Tania Corrallo Hammoud
Psicanalista, professora do Centro Winnicott de São Paulo – CWSP

Introdução

A aceitação da gagueira insere-se no processo de amadurecimento humano na mesma medida em que nele estão inseridas as mais variadas formas de aceitação de limites, falhas e ausências que fazem parte do viver. Vou relatar um caso e buscar através dele destacar os principais elementos presentes no processo de aceitação. Tendo como pano de fundo a teoria do amadurecimento de Winnicott, vou ainda tecer algumas considerações sobre o amadurecimento destacando as especificidades da gagueira.

Um jovem profissional no início de sua carreira, sofrendo de gagueira, teve que enfrentar o desafio de se apresentar em público em seu trabalho. Tomado, como ele mesmo diz, de muito nervoso, gaguejou muito e a repercussão foi desastrosa. Foi demitido. Viveu, então, um período de tristeza profunda, sem ânimo para nada, descuidando inclusive da própria saúde. Sem trabalho e debilitado, do fundo do poço, conseguiu pensar: ou eu venço essa tristeza, ou ela me vence. De posse desse novo estado de ânimo, procurou ajuda. Conta que foram muitos exercícios de respiração, muitos de relaxamento e muita terapia. Conseguiu nesse momento procurar um curso de especialização em sua área e para sua grande sorte encontra lá, de novo em suas próprias palavras: "Um professor fantástico e muito mais gago do que eu". Disse a si mesmo: "Se esse cara faz todo esse sucesso, porque não eu?"

No processo de amadurecimento, que nos constitui como seres humanos, a busca da aceitação e da integração de tudo aquilo que somos, não é tarefa fácil. No começo é vital a existência de alguém que nos acolha e nos dê a condição de irmos passo a passo integrando os vários aspectos do que somos,

no encontro com o mundo. Em menor grau, no entanto, precisamos dessa aceitação ao longo de toda a vida. Por isso temos sorte, como esse jovem adulto, se nos deparamos com alguém que já pôde aceitar e integrar em seu viver uma parte tão penosa de sua própria forma de ser e pode nos servir de exemplo e acolhida, como o professor que o incentivou.

Este homem teve e tem até hoje nos processos de comunicação, na fala, seu maior instrumento de trabalho. Ele trabalha com treinamentos, sempre falando diante de plateias maiores ou menores, revelando sua condição atual de integração desta sua característica, a gagueira. No começo, quando gaguejava, ele costumava contar o caso do carro que possuía no início de sua vida adulta. Era um fusquinha, muito querido por ele. Era com ele que podia ir ao trabalho, passear, namorar, viajar. Era seu companheiro. Mas, como um bom e velho fusquinha, justamente na hora da pressa, ou do evento mais importante, sem aviso prévio, pá... falhava, empacava. Daí, não tinha outro jeito, não dava para abandoná-lo pelo caminho, também não adiantava nada sair e dar-lhe uns bons pontapés de pura raiva e frustração. Não, nada disso! Afinal, apesar de tudo, era ele seu companheiro de todas as horas, então, “o único jeito era sair, abrir a tampa do motor, tirar o platinado, dar uma lixada, colocar de novo e continuar o caminho...”

Atualmente, quando a gagueira aparece, diante da perplexidade ou constrangimento dos ouvintes, ele costuma dizer:

“Então, vocês já viram que eu gaguejo, não é? O próximo passo é constatar que se eu sou capaz de trabalhar assim, é porque de fato tenho coisas importantes que posso transmitir a vocês, não?”

Temos aí um belo e claro exemplo do processo de aceitação pessoal. Ele envolve etapas precisas e inexoráveis que precisam ser experienciadas, superadas e integradas. Para cada indivíduo haverá um conteúdo específico, porque os acontecimentos da vida, o encontro com pessoas mais ou menos acolhedoras, tornará esse percurso mais ou menos penoso, mas as etapas

serão sempre as mesmas, as tarefas a serem percorridas e integradas na personalidade, também.

Primeiro a tristeza, ou como dizemos em psicanálise, o luto. Somos o que somos e a vida é o que é, com todos seus limites e possibilidades. Se mantivermos nossa capacidade de sonhar e integrar, o bom e o ruim, o amoroso e o destrutivo, a vida enfim, tal como ela é e tal como a podemos criar, para além de seus limites, como esse homem, então a vida poderá ser rica e saudável. Temos sempre de alguma forma que nos deparar com algo que nos falta, algo que não é como gostaríamos que fosse e essa perda pode nos levar ao luto, à tristeza profunda, mesmo que seja o luto pela perda de algo só idealizado. Nada fácil!

É em função disto que desenvolvemos um recurso muito importante para o processo de amadurecimento e integração da personalidade: nós elaboramos as experiências de nossa vida, todas elas, imaginativamente, nós sonhamos, nós brincamos e assim vamos tornando a vida mais fácil de ser vivida. Somos seres que sonham, criam, brincam e é isso que mantém, para Winnicott, a capacidade que temos de elaborar lutos e integrar a realidade, que virá, assim, acrescida de algo que é só meu e que a enriquecerá à minha forma. O fusquinha como história era a forma de brincar com sua condição que tornava a via mais fácil para esse homem e mais rica para seus interlocutores, porque ele podia estar ali, junto com sua gagueira, transmitindo conhecimento.

Sendo, portanto, seres que sonham, muitas vezes sonhamos ser o que não somos, sonhamos ir além, sonhamos ser de outro jeito. O difícil é que temos que ser o que somos e temos que, ao mesmo tempo, manter a capacidade de sonhar. Caso contrário, a vida não ganha significados que a tornem possível de ser vivida. Nesse processo temos ainda outra árdua tarefa, temos que ser capazes de manter a capacidade de sonhar, distinguindo sonho de realidade, isto é, temos que ser nós mesmos, sem nos afastamos demais da própria realidade, às vezes dura e penosa e mantermos nossa capacidade de nos reinventarmos, criarmos e ir além.

A tristeza surge justamente da dissociação entre o real e o imaginado e da desistência em se voltar a sonhar.

Quino, pai da Mafalda das tirinhas, inventou um amiguinho para ela, o Felipe. O Felipe, na contramão do que é a Mafalda - senhora de si mesma - é medroso, inseguro e por isso vive no mundo da lua. Tem que fazer a lição de casa para a escola e voltar a ela no dia seguinte, mas não quer, tem medo, tem preguiça. Sonha acordado com raios e trovões que irão provocar um vendaval e impedir as aulas no dia seguinte, ou se imagina um super-herói, que num zás-trás, faz todos os deveres e assim por diante.

Só que esse sonhar, é só devaneio, não é transformar a realidade. Ao contrário, é só uma forma de negá-la, de fugir dela. Numas das tirinhas, depois de muito devaneio, constatando a realidade tal como ela é - isto é, não teve tempestade, ele não se tornou um super-herói - diz a si mesmo: “Justo a mim tinha que me tocar ser eu”.

A revolta - segunda etapa do caminho em direção à aceitação - também tem que ser superada, para que não desistamos, nem fiquemos apenas na raiva impotente, ou no devaneio, que ao contrário do sonho, não nos permite viver realmente.

A saída - superada também a fase da revolta, (Justo a mim tinha que me tocar seu eu) - é a integração, que implica num duplo movimento, o contato real com o que somos e o resgate da confiança que nos permite voltar a sonhar e criar. Isto é saúde emocional. O processo de aceitação completa-se desta forma.

As tarefas do amadurecimento - especificidades da gagueira

Por fazer parte do processo de comunicação e apresentar especificidades, como o fato de ser imprevisível e muitas vezes escapar ao controle, a aceitação da gagueira insere-se no processo de amadurecimento de uma forma bastante complexa.

Para falar de suas especificidades vou começar falando um pouco, a partir de Winnicott, do processo de amadurecimento que leva à aquisição da

personalidade integrada e sadia, no recorte específico daquilo que marca a gagueira.

A voz é o primeiro sinal da existência do ser humano. O bebê não sabe que está sinalizando sua chegada, mas a mãe que ouve seu choro, sabe que ele está avisando que está ali, vivo, começando sua jornada separado dela rumo a uma existência própria.

Entrando na vida em uma condição de absoluta dependência, a fala, ainda em seus primórdios como grito e choro, será a forma encontrada por este pequeno ser para comunicar suas experiências, fazer chegar ao outro o que lhe acontece, seu desamparo inicial. Se tudo corre bem, e isto quer dizer, se a mãe entende sua comunicação e vai propiciando as condições para que ele possa ir aos poucos habitando esse mundo a sua própria forma e ritmo, encontrando nele aquilo de que necessita, ele viverá uma primeira experiência chamada por Winnicott de ilusão de onipotência.

Isto é, não é o mundo que está ali, sendo-lhe oferecido por uma mãe devotada, é ele que ao necessitar e buscar algo fora, cria o mundo. Viver a ilusão de criar o mundo, propiciada pela mãe, é o primeiro passo rumo ao viver saudável. Nessa base, passo a passo, num contato cada vez mais real com o mundo apresentado pela mãe em pequenas doses, o pequeno ser humano construirá seu próprio eu e se diferenciará da realidade externa, ao mesmo tempo em que adquirirá cada vez mais a capacidade de manter relação com esse mundo e tudo que faz parte dele, inclusive seus limites e possibilidades, a partir da sólida base da existência verdadeira de si mesmo. Veja-se que desde um primeiro momento, para Winnicott, o caminho que leva à constituição sadia da personalidade passa por uma conciliação entre o que é pessoal, incluindo necessidades, desejos, limites, possibilidades e o mundo em sua realidade externa. Para que essa conciliação se dê, alguém precisa aceitar o bebê com toda sua necessidade, ritmo e forma e ajudá-lo a criar o mundo, o que o levará ao longo da vida a manter a capacidade de sonhar, brincar, criar. Sem o mundo da cultura, herdeiro do sonho, do brincar e da capacidade de criar, a vida não teria sentido, não seria possível.

A fala, importante recurso dessa trajetória rumo ao contato com o mundo de forma criativa, vai se sofisticando até tornar-se linguagem. Ela contribui fortemente para que as tarefas de morada sólida em si mesmo e contato verdadeiro e enriquecedor com o mundo se dê. A fala de início manifesta necessidades e desejos, serve para dizer coisas ao outro que vem e o atende.

Logo, porém, passa a ser também algo com que se brinca e que pode ser usada para atenuar a distância entre o bebê e o outro, ele e a satisfação de sua necessidade ou desejo. Esse serzinho coloca a palavra mamãe, como ele a consegue dizer, no lugar da mãe e esse é um dos primeiros passos na direção do contato com a realidade. Para que isto se dê, para que a palavra adquira status de linguagem, outra trajetória ainda precisa ser percorrida.

A palavra surge como símbolo, como linguagem, depois que o bebê pôde se dar conta da frustração e da ausência, numa situação na qual a mãe cuidou para que esses momentos e experiências dolorosas para ele nesse início de muita dependência, não se prolongassem além da capacidade do bebê de suportar a ausência e dando a ele algo no lugar dela e de seu seio, tal como um paninho, um ursinho, algo com que o bebê se relacionará seguramente, enquanto predomina a ausência do que de fato ele precisa que esteja lá. A fala como símbolo surge no lugar dessa experiência com esses objetos, chamados por Winnicott de objetos transicionais. Depois do objeto transicional, que propicia uma experiência de posse real sobre algo que de fato está ausente, (isto é, o paninho é a mãe para ele, mas ela de fato não está lá), surge a fala como linguagem. A palavra como símbolo contribui para a tarefa de integração desse pequeno ser em busca de si mesmo, num mundo que ele vai aprendendo que existe independente dele e não na hora e na forma que ele precisa e como ele o deseja. A linguagem contém em sua origem a aceitação da falha, da ausência, ao mesmo tempo em que a preenche em alguma medida, ela substitui a necessária ilusão de onipotência que a mãe oferece ao bebê ao estar presente no tempo e na forma em que o bebê precisa em seus primeiros momentos de vida.

Portanto, a linguagem é um dos elementos fundantes da possibilidade de ser no mundo de forma sadia. Ela ajuda na aceitação da ausência, da realidade que falha inexoravelmente ao mesmo tempo em que cria algo que ajuda a preencher os limites do real. Somos seres que criam símbolos, criamos toda espécie de coisas que formam a cultura na qual já nascemos e ajudamos a enriquecer e assim tornamos a vida rica e plena de significação.

Falar é num primeiro momento comunicar, depois preencher lacunas, mas é também forma de ser no mundo à sua própria maneira. Propicia o contato e a participação na vida de forma rica e sadia.

É, portanto, da aceitação de uma dificuldade muito importante esta de que nos ocupamos quando falamos da aceitação da gagueira.

Vale a pena retomar, portanto, essa trajetória: nós nos constituímos a partir de uma interação permanente com o ambiente que nos circunda. Nessa forma de ser, permanentemente em relação, encontramos a nós mesmos, no encontro com o outro.

Nesse encontro, a linguagem, a comunicação, como estamos vendo, entra de um modo muito especial, ela cria laços, tece redes, define conteúdos e direções, permite que sejamos entendidos, propicia formas próprias de ser no mundo, preenche lacunas, ajuda a suportar as ausências e as falhas. Mas, às vezes, para alguns ela entra nesse espaço que nos pertence, onde devemos ter primazia, onde temos a prerrogativa de sermos os senhores desse castelo que somos nós e se dá direitos de senhorio. Põe e dispõe segundo regras que lhe são próprias e que às vezes sequer são explicitadas. Não avisa, chega e toma conta. No lugar da continuidade, do fluxo que brota e cria intersecções, tece redes, preenche lacunas, o que se impõe são falhas, hesitações, movimentos inesperados, arranques e paradas bruscas e lá se foi o desejo e a possibilidade do contínuo, do fluxo, da conversa direta com o outro, sem curva... A gagueira rouba a possibilidade da continuidade de ser nessa esfera do contato, da relação, tão vital!

A conversa com o outro, tão necessária para a existência, tão importante para se estar no mundo à sua própria forma e ritmo, tão importante para

contribuir com o mundo, essa conversa fica truncada, essa fala intermitente, de intrometida, rouba a possibilidade desse encontro, tal como ele foi concebido e desejado de fato... e ela nem avisa quando e de que forma se apresentará dessa vez. Nada fácil!! Trata-se de uma dificuldade imprevisível na maior parte do tempo.

Winnicott afirma que a previsibilidade é condição para a conquista da confiança, isto é, se posso prever o que vai acontecer, pelos sinais constantes que me são enviados, posso esperar, posso aguentar, posso continuar, posso aprender a lidar com o que quer que seja, posso ter tempo e condições para criar coisas no lugar da falha que a atenuem. Sem isso é a angústia, é o medo, ou ainda pior, o desamparo. No processo de amadurecimento, o desenvolvimento precoce da mente entra justamente para dar conta dessas angústias. Com seus recursos lógicos a mente entra para ajudar a dar conta dos medos.

De fato, raciocinar, racionalizar, prever intelectualmente pode ajudar, mas também pode roubar a possibilidade da experiência em si, a única capaz de criar existência real, aquela que gera segurança de fato. Podemos, por insegurança, criar recursos de defesa que nos afastam da possibilidade de sermos nós mesmos.

A imprevisibilidade é uma condição de difícil convivência, e para quem sofre de gagueira, ela é uma constante. Está aí um dos grandes desafios para quem gagueja: suportar e conviver com a ausência de controle, de previsibilidade.

Mas, essa não é a única dificuldade. Como não é aparente, assim como várias outras limitações físicas que podemos ter, por ser algo que só se torna visível se eu opto por me relacionar através dela, então, pode-se escolher um caminho bastante complicado. É como se disséssemos à gagueira: já que você me deixa sem controle, posso escolher o controle máximo sobre você, posso não permitir sua entrada em cena.

A alternativa, é claro, é o silêncio, o fechamento em si mesmo, o abandono, no limite, da possibilidade de convívio. Estamos aí diante da

alternativa do roubo da possibilidade de sermos nós mesmos no mundo, de novo. Muito difícil!

Caminhos possíveis

É também Winnicott que nos diz que na base de tudo, para que o viver possa vir a ser de forma rica e sadia, na qual eu e o outro possamos entrar em pé de igualdade, falhando e contribuindo, só tem um caminho: aceitar.

Fácil? De maneira nenhuma. Porque, de novo, nós somos o que somos, mas queremos sonhar com outras possibilidades, outros tamanhos, outras formas, outras espessuras, cores e tudo que puder vir de lambuja.

Daí que aceitar - que vem do latim e quer dizer receber de boa vontade - implica na possibilidade de convívio acolhedor, amoroso e seguro com aquilo que se é ou se tem e não com o que se gostaria de ter ou ser.

A tarefa de aceitação é, portanto, importante e muito difícil. Sendo um sonhador e tendo que manter essa condição, até para tornar a vida mais fácil de ser vivida, o ser humano precisa, para poder viver de forma integrada e sadia, aceitar a realidade tal como ela é. Sonho e realidade precisam encontrar conciliação, assim como eu e o outro precisam viver de forma conciliada.

Aceitação dos limites, aceitação da realidade, aceitação da perda, aceitação das diferenças... Embora esteja presente por toda a vida e de forma indireta em toda a literatura psicanalítica, a aceitação jamais adquiriu status de conceito, sendo assim desenvolvida em sua compreensão. Ela está, no entanto, na base da possibilidade de existência psíquica sadia e no desenvolvimento emocional que percorre toda a existência.

Em função de que a forma pela qual somos recebidos e aceitos ou não é de extrema importância, podemos pensar ainda nesta outra especificidade da gagueira. Passada a etapa da auto-aceitação, depois de fazer a escolha pelo contato, tenho que enfrentar a possibilidade de aceitação ou não do outro. A gagueira tem uma especificidade muito complicadora em relação a essa questão, em função daquilo que ela provoca em quem a vê. A fala intermitente, entrecortada, pouco fluente, provoca perplexidade, ou impaciência, ou pior, riso.

Cada uma dessas reações demanda daquele que fala um esforço suplementar para se fazer considerar nesse encontro que não é fácil e implica em muitas tarefas a serem experienciadas e superadas.

Para podermos existir de forma sadia precisamos vitalmente, de início, da aceitação de alguém que nos acolha e sustente no nosso tempo, ritmo e forma, como já vimos. Assim como precisaremos ao longo da vida, embora cada vez menos, do outro que nos aceite do jeito que somos, sem preconceitos, rejeições, estigmatizações.

Aquilo que somos e que nos acompanha de forma mais ou menos integrada ao longo da existência está presente em nós desde o momento dos primeiros movimentos dentro do útero, até o último instante da existência.

Se possuímos algo que nos distingue de forma marcante dos demais, isto deve poder ser integrado à nossa existência, não como algo que nos define, que nos dá identidade, mas como algo que nos pertence e deve assim ser aceito pelo outro e por nós, para poder fazer parte do que nos constitui, daquilo que somos de forma inteira e integrada. O que não é aceito fica como uma espécie de quisto, de apêndice, pesado, duro de carregar, ou negado, dissociado a nos perseguir como fantasmas em sonhos e no dia a dia ou, ainda pior, algo que passa a nos dar identidade, passa a ser aquilo que nos constitui. Passamos a ser, o homossexual, o cego, o autista, o gago. Essa última condição que toma erroneamente a parte pelo todo, nos rouba a possibilidade de sermos o que somos de forma abrangente, para além das fronteiras daquela parte de nós. Rouba-nos a possibilidade da existência sadia de forma integrada. Temos uma gagueira, ou uma paralisia, ou uma cegueira, assim como temos várias outras características que nos constituem, que formam parte do amplo espectro que constitui a identidade humana em cada um de nós. A possibilidade de existência psíquica sadia depende fundamentalmente da possibilidade de continuidade integrada da existência, com tudo o que somos, temos e fazemos, e não apenas com uma parte de nós. A forma através da qual o outro com quem me relaciono recebe o que sou, tem peso decisivo nessa jornada de aceitação.

Ao começar a pensar sobre o tema da aceitação, embora ele fosse vinculado à gagueira, o que me veio à lembrança num primeiro momento foi um documentário que assisti há algum tempo sobre os distúrbios da visão. Nele, alguns depoimentos põem de forma clara que a tarefa de aceitação passa pela aceitação do outro que faz parte do processo de amadurecimento de cada um e da aceitação da dificuldade - ou diferença - pela própria pessoa.

O depoimento de uma cineasta que teve durante quase toda a vida um estrabismo deixa esta questão muito clara. A forma penosa como ela ficou marcada por essa experiência, no entanto, nada tem a ver com o limite dado pelo estrabismo, mas pela forma como sua mãe lidou com a dificuldade.¹

Essa cineasta deixa muito clara a forma como a mãe tomava a parte pelo todo, imprimindo ainda uma conotação totalmente distante da realidade dela enquanto menina, assim como da visão que os outros tinham dela. Diz ela: “Isso me afetou. Era como se eu fosse um fracasso, porque minha mãe me olhava daquela forma. Eu tinha um estrabismo, mas era como se tivesse um rosto seco e disforme como uma ameixa seca.”

Isto marcou sua existência, sua identidade. Para dar conta foi preciso querer muito ser ela mesma e buscar com muita garra “transformar o que era visto como estrago, em uma joia.”

“Mas, eu estava decidida a não ser um fracasso, a lutar e fazer tudo que pudesse, a escolher uma profissão na qual, possuindo algo de único, que ninguém mais tivesse, pudesse transformar essas cinzas... em uma joia.”

Foi preciso muita luta interna contra a tristeza, a revolta, para superar o horror, que só existia na vivência da mãe.

A vida é, portanto, uma via de mão dupla. Para existirmos precisamos passar primeiro pela aceitação de um outro que nos recebe, do primeiro até ao último momento de nossa vida. Depois precisamos aceitar a nós mesmos tal

¹ - http://www.youtube.com/watch?v=56Lsyci_gwg --33:57 – 39:00)

como somos. São tarefas altamente complexas que nos darão, ou nos tirarão a possibilidade de nos integrarmos como pessoas únicas que somos.

Esta cineasta revela de forma contundente a forma como o olhar do outro pode nos deformar.

Conclusão

Aceitar não é uma tarefa simples. Começa pela superação daquilo que nos é imposto pelo outro ao nos qualificar, mas passa também pela possibilidade de nos aceitarmos.

Ao termos uma dificuldade estamos diante da tarefa de aceitar sermos irremediavelmente diferentes daquilo que gostaríamos de ser. Temos que superar a revolta e a necessidade de negação da condição que nos toma, até que possamos aceitar e integrar esse aspecto daquilo que somos em nossa personalidade.

Quando não é possível integrar uma parte importante de nós em nós mesmos, o que resta é a dissociação que impõe a vivência de falsidade, de insegurança. O que poderia ser uma dificuldade com a qual se poderia conviver da melhor forma possível transforma-se num fardo, insuportável e, às vezes, muito ameaçador.

Aquilo que importa para qualquer pessoa, quando diante de uma limitação, seja ela de origem orgânica ou emocional, é a possibilidade de integrar em si mesmo, sua própria forma de ser, de tal maneira que ser no mundo de forma integrada possibilite a riqueza do viver.

Para finalizar gostaria de trazer o exemplo do filme que é um libelo sobre a aceitação da gagueira, que é um filme conhecido de todos e que certamente já foi debatido muitas vezes, mas que mesmo assim gostaria de retomar: “O discurso do Rei”.²

² (Baseio meu relato na matéria da Profa. Dra. Ana Flávia L. M. Gerhardt2011) (http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=205)

Esse filme expõe de forma contundente a dificuldade de auto-aceitação. Trata exatamente da tarefa de que estamos falando. Como conviver com a constatação de ser de uma forma inexoravelmente diferente daquela que se gostaria de ser. O filme mostra a trajetória através da qual se fez possível àquele homem que se defrontou com a função de ter que ser rei, de forma inesperada (pela desistência de seu irmão, que abdicou do trono para se casar com uma plebeia), num momento da história extremamente delicado, a segunda guerra mundial. Ele retrata como esse homem pode desempenhar suas funções através da forma como podia ser e tornar-se uma pessoa melhor, contribuindo enormemente para os destinos do país e do mundo.

Ao aceitar sua limitação e aceitar ocupar o lugar e a tarefa gigantesca de ser rei, da forma como o conseguia, esse homem pôde contribuir de forma decisiva para si mesmo e para o seu país.

Podemos constatar através do filme como a relação de aceitação e de confiança que se estabelece entre duas pessoas pode ser decisiva para o processo de amadurecimento que se faz necessário.

Outro aspecto interessante ali abordado é a forma através da qual foi possível a mudança na relação que se estabeleceu com o fonoaudiólogo que o atendeu. Mesmo com toda a dificuldade que se impunha na conquista da confiança necessária para a realização daquele trabalho, sobretudo diante de alguém tão acostumado às distâncias, este fonoaudiólogo, foi capaz de superar as barreiras e tratando o homem como a pessoa que ele era, para além de suas funções, papéis e limitações, ao conquistar essa confiança estabeleceu esse elo, sem o qual a tarefa de superação torna-se muito mais complexa.

É ainda interessante notar que o rei não supera a gagueira. Ela estava lá mesmo no momento crucial do discurso. Vale a pena assistir ao discurso do rei verdadeiro, que pode ser encontrado na internet.³ Ele supera seus medos e preconceitos, conquistando a possibilidade de lidar com a gagueira, que

³ <https://www.youtube.com/watch?v=GPJ-2pdwjV8>

continuou possuindo. Foi, a partir daí, um homem capaz de cumprir sua missão a seu modo.

A tarefa de integração de nós mesmos, em todos os aspectos que nos constituem, bem como a tarefa de conciliação do que somos com o que são os outros e a realidade externa são tarefas para a vida. Nesse percurso, precisamos abandonar o desejo de nos tornarmos outra pessoa. Mesmo que fosse possível realizar tal desejo, seríamos outro em nossa própria pele, algo muito desconfortável e ameaçador (“A pele que Habito” filme do diretor Almodóvar, revela de forma criativa e terrível a impossível condição de habitarmos uma pele, um corpo que não nos pertence)⁴.

Só há saúde naquilo que está assentado no verdadeiro si-mesmo, quando habitamos o corpo que é o nosso. Só é possível estar no mundo de forma sadia depois da aceitação real do que somos e podemos. Isto não se dá sem sofrimento. De novo, não é fácil o convívio com os limites que a vida nos impõe. Porém, se não abirmos mão da capacidade que nos acompanha vida afora de sonhar e criar, poderemos, a partir do chão sólido do contato e da aceitação daquilo que somos, manter um vínculo sadio e rico conosco e com o mundo.

⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=N52VxPlelqI>